

Os guardas-noturnos fazem as suas rondas nas ruas desertas. Os seus apitos cortam o surdo ruído dos motores continuos da noite. A iluminação crua salienta a escuridão dos cantos e ângulos nos quais se esconde o perigo virtualmente onipresente. Perigo mantido provisoriamente sob controle por organização defensiva da qual os guardas-noturnos não passam de primeira linha de defesa. Protegidos por tal organização, os sitiados estão reunidos em grupos pequenos nas suas casas fortificadas. Formam arquipélago no oceano da noite poluída, ilhas unidas por comunicação telefónica frágil e por automóveis rápidos, nos quais viajam com janelas fechadas. O exército sitiante está dormindo, exausto, nas favelas, nos hospitais, nas prisões e nos manicómios, entorpecido pelo labor, pelas doenças e pelos entorpecentes dos televisores. Dorme além do horizonte da visão dos sitiados, mas o terror do seu despertar sempre iminente se manifesta no zunir inarticulado da noite como terremoto incipiente, e invade o subliminar e os ossos dos sitiados. No entanto, e provisoriamente, as quatro paredes confortáveis e arcaicamente luxuosas, entre as quais se abrigam os sitiados, ainda parecem sólidas e impenetráveis aos que estão reunidos entre elas. Confabulam nos seus "petits comités", argumentam, disputem. Forjam projetos, arquitetam planos. De que estão falando? Da melhor maneira de proteger-se contra a maré montante dos sitiantes que os cerca? Da ajuda a lhes ser prestada pelos seus semelhantes transatlânticos, dos quais representam a retaguarda para proteger-lhes a retirada lenta e penosa? Das possibilidades de fazer parar, por pouco tempo que seja, o avanço inexorável dos miseráveis rumo ao norte? Nada disto.

Tomam-se, nas suas confabulações, por vanguarda do exército que os está sitiando, e os ameaça nos cantos e ângulos escuros das suas ruas. Tomam o exército do qual são parte, retaguarda em posto isolado, por exército inimigo. Procuram reprimir o terror do dia das contas iminente inebriando-se não com whisky, mas com estatísticas, curvas e algarismos dos quais sabem serem projeções de fumaça para obscurecer a cena. Discutem ideologias e engajamentos, como se estivessem livres para fazerem escolhas. Como se tivessem escolhido a posição na qual se encontram, e como se pudessem modificá-la. Tão grande é o terror que sentem dos sitiantes que os cercam, e tão grande é a culpa que carregam sem tê-la cometido conscientemente, que são incapazes para olhar a cara dos que se preparam, e eles também inconscientes, para degolá-los. Tal incapacidade de vêr o outro per-

2

mite aos sitiados "identificarem-se" com os sitiantes. Precisamente por passarem por eles de dia sem os olharem, podem, de noite, nas suas confabulações, projetar sua própria imagem neles. Criar o mito que transforma o inimigo mortal e inescapável em irmão de sangue amado e amante, pelo qual os sitiados são "responsáveis". Mas o mito não é apenas fruto do medo recalcado. É também fruto de um desprezo pelo exército dos sitiantes, desprezo esse que atinge os limites da loucura. Por ele os sitiados se assumem a "consciência" dos sitiantes, e assumem os sitiantes como massa inconsciente. Não se trata, como pode parecer, de cinismo. Trata-se, pelo contrário, de desespero dos que não suportam ver a realidade na qual se encontram. Não se trata de má fé, nem naqueles poucos entre os sitiados que desprezam os sitiantes conscientemente. Nem se trata de engajamento verdadeiro naqueles igualmente pouco numerosos entre os sitiados que estão dispostos a se sacrificarem em prol dos sitiantes. Trata-se de mitificação de boa fé, sincera ao nível da consciência, embora desmentida pela vivência diária dos dados duros. Os sitiados teceram, de boa fé, densos véus em torno de suas existências ameaçadas, e confabulam, discutem, e tomam as suas decisões precárias em função de tais véus, não em função da realidade.

A quem Deus quer destruir, enlouquece. Pouco adianta argumentar que tal destruição é necessária e "justa". A tragédia dos sitiados está precisamente no fato de se encontrarem em posição necessariamente injusta e necessariamente perdida, que isto os enlouqueceu, e que tal loucura precipita ainda mais rapidamente sua queda necessária e justa. O que caracteriza, no entanto, tal loucura suicida é sua consistência interna. Sustenta-se, uma vez aceitas as bases míticas nas quais assenta. Tal consistência torna progressivamente mais difícil o diálogo entre os sitiados e o grosso do exército dos ocidentais que bate em retirada. Os fios frágeis que ainda unem o arquipélago dos sitiados ao continente, e que são os canais vitais graças aos quais o arquipélago vive, estão sendo cortados, um por um, por tal loucura consistente. Haverá um dia, num futuro longínquo, quem cante a epopeia de tal retaguarda que se suicidou por um sonho nascido de terror e desprezo? Ou dará-se a posteridade por satisfeita com explicações objetivas da alienação característica de toda elite que perdeu contato com uma realidade prestes devorá-la? Quanto a nós, os observadores comovidos da cena, não resta senão chorar os sofrimentos incontáveis que tal loucura fantástica causará tanto nos sitiados quanto nos sitiantes.